



NASCIDA DO CORAÇÃO DA IGREJA

Repensar a missão do CRP à luz da missão das Universidade Católicas

Algumas notas para a reflexão no âmbito do GIQE

Joaquim Azevedo

Abril 2008



GIQE

GARANTIA INTERNA DE
QUALIDADE E ESTRATÉGIA

“JUNTOS PELA EXCELÊNCIA”

Introdução

Há cerca de 1.300 Universidades Católicas em todo o mundo. Nós fazemos parte deste imensa comunidade, somos a Universidade Católica que está em Portugal, mais concretamente no Porto e na Igreja Diocesana do Porto.

No âmbito do esforço que empreendemos de desencadear uma auto-avaliação e uma reflexão estratégica sobre as prioridades de acção no nosso futuro próximo (GIQE), não queremos deixar de actualizar a nossa missão de Universidade Católica (UC).

Tomamos como base as orientações emanadas dos Concílios, dos Santos Padres e da Congregação para a Educação Católica, além dos nossos próprios estatutos. Procuramos realizar um documento sintético e aproveitamos aqui e ali, para deixar algumas questões para reflexão.

A nossa comunhão com a Igreja torna-nos participantes da sua missão, mas isso só será realizado plenamente quando for devidamente conhecido, debatido, aprofundado, concretizado, avaliado, já que somos uma comunidade que acolhe cristãos e não cristãos. O Espírito de Deus acompanha-nos e vai certamente à nossa frente a iluminar os caminhos; com a necessária humildade, esta é contudo uma reflexão irrecusável.

1. Nascida do coração da Igreja

Nascida do coração da Igreja, “Ex corde ecclesiae”, assim é a Universidade Católica (e assim se inicia a Constituição Apostólica que João Paulo II escreveu, em 1990, sobre as universidades católicas). É uma honra e uma responsabilidade a UC consagrar-se sem reservas à causa da verdade (CAECE, nº 4); a nossa época tem necessidade urgente desta forma de serviço abnegado que é proclamar o sentido da verdade, valor fundamental sem o qual se extinguem a liberdade, a justiça e a dignidade o homem (ibidem). A UC actua, assim, em prol de um humanismo universal.

As Universidades Católicas são chamadas a uma contínua renovação enquanto católicas. Por um lado, elas permitem à Igreja instituir um diálogo de fecundidade incomparável com todos os homens de qualquer cultura, mediante o encontro que estabelecem entre a riqueza insondável da mensagem salvífica do Evangelho e a pluralidade e imensidade de campos do saber. Por outro lado, elas buscam incessantemente “o próprio significado do homem”, num contexto caracterizado por um desenvolvimento tão rápido da ciência e da tecnologia, que “ exige a necessária e correspondente procura de significados, a fim de garantir que as novas descobertas sejam usadas para o bem autêntico dos indivíduos e da sociedade humana no seu conjunto” (ibidem, nº 7). Esta renovação exige também a clara consciência de que, em virtude do seu carácter católico, a Universidade é mais capaz de fazer a investigação *desinteressada* da verdade – investigação, portanto que não está subordinada nem condicionada por interesses de qualquer género.

O Papa João Pulo II lembra ainda que “A Comunidade eclesial é convidada a dar o seu apoio às Universidades Católicas, a tutelar os direitos e a liberdade destas instituições na sociedade civil, a oferecer-lhe um sustento económico, sobretudo nos países que mais urgente necessidade têm dele”. Em Portugal, onde não há verdadeiramente liberdade de ensinar e de aprender e onde quem escolhe a Universidade Católica é duplamente penalizado do ponto de vista económico, estas palavras de João Pulo II constituem um alerta às Igrejas Diocesanas.

“Os Bispos têm a responsabilidade particular de promover as UC e, especialmente, de segui-las e assisti-las na sustentação e na consolidação da sua identidade católica também no confronto com as autoridades civis. As relações entre estes e a UC devem ser caracterizadas pela “confiança recíproca, colaboração leal e diálogo contínuo”. E prossegue João Paulo II: “embora não entrem directamente no governo interno da Universidade, os Bispos não devem ser considerados agentes externos, mas sim participantes da vida da Universidade Católica” (CAECE, nº 28).

2. Uma sólida comunidade humana

A Universidade Católica é uma comunidade humana animada pelo Espírito de Cristo. A fonte da sua unidade brota da sua comum consagração à verdade, da mesma visão da dignidade humana e, em última análise, da pessoa e da mensagem de Cristo que dá à instituição o seu carácter distintivo. A comunidade universitária é animada por um espírito de liberdade e de caridade; é caracterizada pelo respeito recíproco, pelo diálogo sincero, pela defesa dos direitos de cada um. Assiste todos os seus membros a conseguir a plenitude como pessoas humanas e cada membro, por sua vez, ajuda a procurar a unidade e a manter e reforçar o carácter católico da instituição (CAECE, nº 21).

A formação dos estudantes deve favorecer um desenvolvimento tal que estes se sintam encorajados a confirmar a investigação da verdade e do seu significado durante toda a vida, dado que é necessário que o espírito seja cultivado de modo que se desenvolvam as faculdades da admiração, da intuição, da contemplação, e de se tornarem capazes de formar um juízo pessoal e de cultivar o sentido religioso, moral e social (ibidem, nº 23).

O futuro das Universidades Católicas depende, em grande parte, do empenhamento competente dos leigos católicos. A Igreja vê a sua presença crescente como sinal de grande esperança e de confirmação da vocação insubstituível dos leigos.

Dizem os Estatutos da UCP (Artº 8º §1): *“A UCP, aceitando a legítima autonomia da cultura humana, reconhece a liberdade académica dos seus docentes e investigadores no âmbito das respectivas disciplinas e ramos do saber, de acordo com os princípios e os métodos da ciência, segundo as exigências da verdade e do bem comum.”*

No entanto, todos os colaboradores não católicos e todos os estudantes “têm a obrigação de reconhecer e respeitar o carácter católico da Universidade” (CAECE, Normas Gerais, Artº 4.º, § 4).

3. A Universidade Católica ao serviço da Sociedade

As Universidades Católicas são chamadas a ser, no seu serviço à Igreja, instrumentos cada vez mais eficazes do progresso cultural quer das pessoas quer da sociedade. No seu nº 32, a CAECE afirma com mais pormenor: *“As suas actividades de investigação, portanto, incluirão o estudo dos graves problemas contemporâneos, como a dignidade da vida humana, a promoção da justiça para todos, a qualidade da vida pessoal e familiar, a protecção da natureza, a procura da paz e da estabilidade política, a repartição mais equânime das riquezas do mundo e uma nova ordem económica e política, que sirva melhor a comunidade humana a nível nacional e internacional. A investigação universitária será dirigida a estudar em profundidade as raízes e as causas dos graves problemas do nosso tempo, reservando atenção especial às suas dimensões éticas e religiosas.”*

“Quando for necessário, a Universidade Católica deverá ter a coragem de proclamar verdades incómodas, verdades que não lisonjeiam a opinião pública, mas que no entanto são necessárias para salvar o autêntico bem da sociedade.”

“Uma prioridade específica será dada ao exame e à avaliação, do ponto de vista cristão, dos valores e das normas dominantes na sociedade e na cultura moderna, e à responsabilidade de comunicar à sociedade de hoje aqueles princípios éticos e religiosos que dão pleno significado à vida humana. É este um contributo ulterior que a Universidade pode dar ao desenvolvimento daquela autêntica antropologia cristã, que tem origem na pessoa de Cristo e que permite ao dinamismo da criação e da redenção influir sobre a realidade e sobre a recta solução dos problemas da vida.” (ibidem, nº 33) .

“O espírito cristão de serviço aos outros para a promoção da justiça social reveste particular importância para cada Universidade Católica, e deve ser compartilhado pelos professores e desenvolvido entre os estudantes. A Igreja empenha-se firmemente no crescimento integral de cada homem e de cada mulher. O Evangelho, interpretado pela doutrina social da Igreja, convida urgentemente a promover « o desenvolvimento dos povos que lutam para libertar-se do jugo da fome, da miséria, das doenças endémicas, da ignorância; daqueles que procuram uma participação mais larga nos frutos da civilização e uma valorização mais activa das suas qualidades humanas; que se movam com decisão em direcção à meta da sua plena realização». Cada Universidade Católica deve sentir a responsabilidade de contribuir concretamente para o progresso da sociedade, na qual trabalha: poderá procurar, por exemplo, a maneira de tornar a educação universitária acessível a todos aqueles que dela possam tirar proveito, especialmente os pobres ou os membros dos grupos minoritários, que dela foram tradicionalmente privados. Além disso, ela tem a responsabilidade — segundo os limites das suas possibilidades — de ajudar a promoção das Nações em vias de desenvolvimento.” (ibidem, nº 34).

A Constituição Apostólica chama ainda a atenção para a necessidade de promover o conhecimento humano e uma compreensão de fé junto de um público mais vasto, nomeadamente mediante os programas de educação de adultos e dos serviços à comunidade.

“A Universidade Católica deve tornar-se cada vez mais atenta às culturas do mundo de hoje, bem como também às várias tradições culturais existentes dentro da Igreja, de maneira a promover um contínuo e proveitoso diálogo entre o Evangelho e a sociedade de hoje. Entre os critérios que distinguem o valor duma cultura, vêm em primeiro lugar o sentido de pessoa humana, a sua liberdade, a sua dignidade, o seu sentido de responsabilidade e a sua abertura ao transcendente. Com o respeito da pessoa está ligado o valor eminente da família, célula primária de toda a cultura humana.

As Universidades Católicas devem esforçar-se por discernir e avaliar bem as aspirações como as tradições da cultura moderna, para torná-la mais apta ao desenvolvimento integral das pessoas e dos povos.” (ibidem, nº 45)

Se é verdade que a missão de qualquer Universidade deve estar subordinada aos requisitos da economia e dos mercados de trabalho, constitui para a Universidade Católica um princípio orientador fundamental que a sua missão reside na promoção da dignidade humana, à luz de uma antropologia cristã, e na transmissão da herança cultural, mas várias áreas do conhecimento. A racionalidade instrumental económica e técnico-funcionalista, tanto tem contribuído para a grande expansão do ensino superior, como contribui, hoje, para a sua profunda crise. O desenvolvimento humano de cada pessoa, a formação de uma interioridade criativa e solidária em cada aluno, em constante confronto com o mistério da vida humana, eis o desafio de um novo humanismo a que queremos ser fiéis. Ao recusar aquela racionalidade instrumental a UC está profundamente empenhada na criação de condições para o desenvolvimento multidimensional dos seus alunos, que compreende necessariamente uma área do saber, mas também compreende a abertura ao transcendente, a vocação do serviço orientado para o bem comum e a hospitalidade para com todos os membros da comunidade, sobretudo os que se encontram em situações de maior vulnerabilidade e exclusão.

Uma Universidade Católica é uma comunidade, essa é a sua matriz institucional, uma comunidade que procura diligentemente e humildemente a verdade.

4. O diálogo entre a fé e a razão

A Universidade Católica deve empenhar-se no *diálogo entre a fé e a razão* de modo a poder ver-se mais profundamente como fé e razão se encontram na única verdade. Este diálogo põe em evidência que a investigação em todo o campo do saber, se conduzido de modo verdadeiramente científico e segundo as leis morais, nunca pode encontrar-se em contraste objectivo com a fé. As coisas terrenas e as realidades da fé têm, com efeito, origem no mesmo Deus (CAECE, nº 17).

Dado que o saber deve servir a pessoa humana, a investigação numa Universidade Católica é sempre efectuada com a preocupação das implicações éticas e morais, ínsitas tantos nos seus métodos como nas suas descobertas. É essencial convencerem-nos da prioridade da ética sobre a técnica, do primado da pessoa sobre as coisas, da superioridade do espírito sobre a matéria. A causa do homem só será servida se o conhecimento estiver unido à consciência. Os homens da ciência só ajudarão realmente a humanidade se conservarem o sentido da transcendência do homem sobre o mundo e de Deus sobre o homem (CAECE, nº 18). Acrescenta-se ainda que “A teologia desempenha um papel particularmente importante na investigação de síntese do saber, bem como no diálogo entre fé e razão” (CAECE, nº 19).

Quanto ao ensino, releva-se o papel da interdisciplinaridade, sustentada pelo contributo da filosofia e da teologia, pois “ajuda os estudantes a adquirir uma visão orgânica da realidade e a desenvolver um desejo incessante de progresso intelectual. Depois, na comunicação do saber coloca-se em resalto o facto de a *razão humana na sua reflexão* se abrir a interrogações cada vez mais vastas e de a resposta completa a elas provir do Alto através da fé. Além disso, as *implicações morais*, inerentes a cada disciplina, são examinadas como parte integrante do ensino da mesma disciplina; isto para que todo o processo educativo seja dirigido definitivamente para o progresso integral da pessoa.” (CAECE, nº 20).

5. A educação nas Universidades Católicas

A escola católica sente-se interpelada a guiar os seus alunos até ao conhecimento de si mesmos, das suas próprias atitudes e dos seus próprios recursos interiores, para os educar a viver com sentido de responsabilidade, como resposta quotidiana ao chamamento de Deus.

“É constitutivo da pessoa o ser-com e para-os-outros, que se concretiza no amor. É precisamente o amor que impulsiona a pessoa a dilatar progressivamente o raio das suas relações para além da sua vida privada e dos afectos familiares, até assumir a respiração da universalidade e abraçar – pelo menos como desejo - a humanidade inteira. Este mesmo impulso contém uma forte exigência formativa: a de aprender a ler a interdependência de um mundo que está cada vez mais assediado por similares problemas de carácter global, como um forte sinal ético para o homem do nosso tempo; isto é, interpretar tudo isso como uma chamada a sair da visão do homem que tende a conceber cada ser humano como um indivíduo isolado. Trata-se da exigência de formar o homem como pessoa: um inquérito que, no amor, constrói a própria identidade histórica, cultural, espiritual e religiosa, colocando-a em diálogo com outras pessoas, numa dinâmica de dons reciprocamente oferecidos e recebidos. No contexto da globalização, é necessário formar sujeitos capazes de respeitar a identidade, a cultura, a história, a religião e, sobretudo, os sofrimentos e as necessidades alheias, com a consciência de que “todos somos verdadeiramente responsáveis de todos” (CAECE, nº 44).

A educação de estudantes “*deve integrar o amadurecimento académico e profissional com a formação nos princípios morais e religiosos e com a aprendizagem da doutrina social da Igreja. O programa de estudos de cada uma das diversas profissões deve incluir uma formação ética apropriada...*” (CAECE, Normas Gerais, art.º 4º, § 5). Além disso, a todos os estudantes deve ser oferecida a possibilidade de seguir cursos de doutrina católica.

Diz o nº 24-25 do documento da CEC, “Educar juntos na Escola Católica”,: “*Os educadores da escola católica são chamados a realizar, para além da permanente actualização científica e técnica, a síntese entre fé, cultura e vida, “através da integração dos diversos conteúdos do saber humano, especificado nas várias disciplinas, à luz da mensagem evangélica e mediante o desenvolvimento das virtudes que caracterizam o cristão”* (CEC, nº37). Isto exige dos educadores católicos a maturação de uma particular sensibilidade à pessoa que há que educar para saber captar, além das exigências de crescimento em conhecimento e competências, também a necessidade de crescimento em humanidade. Isto requer do educador a dedicação “ao outro com uma atenção que sai do coração, para que o outro experimente a sua riqueza de humanidade”

Por isso, os educadores católicos “necessitam também e sobretudo de uma formação do coração”: devem ser guiados até esse encontro com Deus em Cristo, que suscite neles o amor e abra o seu espírito ao outro, de modo que para eles o amor ao próximo já não seja um mandamento como que imposto de fora, mas uma consequência que emana da sua fé, a qual actua por caridade.

Sabemos que cada vez mais a nossa Universidade é um universo de católicos e não católicos. Conhecemos a dificuldade acrescida que resulta de muitos alunos não terem referências culturais cristãs básicas. O que significa, neste novo contexto, promover esta formação humanista e cristã? Leccionar “Mundividência Cristã” e pronto, já está? E quem lecciona estas unidades curriculares tem por hábito encontrar-se e pensar a sua relevante função na universidade?

Os professores leigos da escola católica devem estar conscientes da sua participação na missão educativa da Igreja, amadurecendo sempre a sua vocação eclesial. Segundo uma lógica de comunhão, estes professores são chamados à assunção de atitudes de disponibilidade, de acolhimento e profundo intercâmbio, de convivialidade e de vida fraterna, dentro da comunidade educativa, enriquecendo o seu valor eclesial. Todos concorrem para a plena realização do carisma dos carismas: a caridade (CEC, nºs 35 e 36).

Na acção educativa o testemunho de cada um é central. Os professores, enquanto testemunhas, devem dar razão da esperança que alimenta a sua vida. O estilo de vida da comunidade educativa tem uma grande importância e deve ser animado pelo espírito evangélico da liberdade e da caridade.

A comunidade educativa católica é capaz de formar para a comunhão a qual, como dom que vem do Alto, anima o projecto de formação para a convivência e o acolhimento. Não só cultiva nos alunos os valores culturais próprios da visão cristã da realidade, mas também implica cada um deles na vida da comunidade. Assim, a vida de comunhão da comunidade educativa assume o valor de princípio educativo, de paradigma que orienta a sua acção formativa como serviço para a realização de uma cultura de comunhão (ibidem, nº 39).

O Papa Bento XVI, na sua carta aos cidadãos de Roma sobre a educação, lembra o quão difícil é hoje educar. E diz: “a relação educativa é, antes de mais nada, o encontro entre duas liberdades e a educação conseguida é uma formação para o uso correcto da liberdade.” E prossegue: “só uma esperança fiável pode ser a alma da educação, como de toda a vida.” . E faz um “caloroso convite” a pormos a nossa esperança em Deus. “ *A esperança que se dirige a Deus não é nunca esperança só para mim; é sempre, ao mesmo tempo, esperança para os outros, não nos abandona, mas torna-nos solidários no bem, estimula-nos a educarmo-nos reciprocamente na verdade e no amor.*”.

6. A pastoral universitária

“A pastoral universitária é aquela actividade da Universidade que oferece aos membros da própria Comunidade a ocasião de coordenar o estudo académico e as actividades para-académicas com os princípios religiosos e morais, integrando assim a vida com a fé. Ela concretiza a missão da Igreja na Universidade e faz parte integrante da sua actividade e da sua estrutura. Uma Comunidade Universitária, preocupada em promover o carácter católico da instituição, deverá estar consciente desta dimensão pastoral e ser sensível aos modos com os quais pode influir em todas as suas actividades.” (CAEC, nº 38).

“Como expressão natural da sua identidade católica, a Comunidade universitária deve saber encarnar a fé nas suas actividades quotidianas, com importantes momentos de reflexão e de oração. Serão assim oferecidas aos membros católicos desta Comunidade as oportunidades de assimilar na sua vida a doutrina e a prática católica. Serão encorajados a participar na celebração dos sacramentos, especialmente no sacramento da Eucaristia, enquanto acto mais perfeito do culto comunitário.” (ibidem, nº 39).

“Todos os que se ocupam da pastoral universitária exortarão professores e alunos a ser mais conscientes da sua responsabilidade em relação aos que sofrem física e espiritualmente. Seguindo o exemplo de Cristo, devem estar particularmente atentos aos mais pobres e a quem sofre injustiça no campo económico, social, cultural e religioso. Esta responsabilidade exerce-se, antes de mais, no interior da Comunidade académica, mas encontra também aplicação fora dela.” (ibidem, nº 40).

“A pastoral universitária é uma actividade indispensável, graças à qual os estudantes católicos, no cumprimento dos seus compromissos baptismais podem ser preparados a participar activamente na vida da Igreja.” (ibidem, nº 41).

7. A Universidade Católica e o interesse comum

Mediante o ensino e a investigação as universidades católicas servem o interesse comum; “representam um entre vários tipos de instituições necessárias para a livre expressão da diversidade cultural e empenham-se em promover o sentido de solidariedade na sociedade e no mundo. Portanto, elas têm todo o direito a esperar, da parte da sociedade civil e das autoridades públicas, o reconhecimento e a defesa da sua autonomia institucional, da sua liberdade académica. Além disso, têm o mesmo direito no que diz respeito ao sustentamento económico, necessário para que sejam asseguradas a existência e o desenvolvimento das mesmas.” (CAECE, nº 37).

A Universidade Católica Portuguesa, instituição privada, criada ao abrigo da concordata, é uma universidade pública não estatal seja porque acolhe todos os que a procuram seja porque é uma instituição com provas dadas ao serviço do bem comum, inserida nos mais variados sectores da actividade e nos múltiplos problemas do país, com uma eminente vocação cultural e social. A Universidade

Católica é uma comunidade onde se respira a liberdade, no ensino, na aprendizagem, na investigação e na prestação de serviços à comunidade, onde se educa na e para a liberdade.

A educação que promovemos está sustentada em valores evangélicos, está focada no presente das nossas sociedades e está projectada no futuro. Só assim poderemos prosseguir a busca de um futuro de paz, justiça e solidariedade, um país e um mundo melhores.

Na carta aos cidadãos de Roma, sobre a educação, Bento XVI assinala: “Não tenhais medo! Todas estas dificuldades, de facto, não são insuperáveis. São mais, por assim dizer, o outro lado da moeda desse dom grave e precioso que é a nossa liberdade, com a responsabilidade que juntamente implica.”

Referências Bibliográficas

Concílio Vaticano II, Declaração Gravissimum Educationis sobre a educação cristã, 1965

Constituição Apostólica “Ex corde ecclesiae” (CAECE) do Sumo Pontífice João Paulo II sobre as Universidades Católicas, Cidade do Vaticano, 1990

Universidade Católica Portuguesa. Estatutos. Lisboa, 1993

Congregação para a Educação Católica (CEC), Educar juntos na escola católica, Cidade do Vaticano, 2007

Carta do Papa Bento XVI à Diocese de Roma, sobre a tarefa urgente da educação, 2008



GIQE

GARANTIA INTERNA DE
QUALIDADE E ESTRATÉGIA

“JUNTOS PELA EXCELÊNCIA”



CATÓLICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO



GIQE

GARANTIA INTERNA DE
QUALIDADE E ESTRATÉGIA

“JUNTOS PELA EXCELÊNCIA”